

NOMES PRÓPRIOS E A REFERENCIAÇÃO XERENTE

Sinval Martins de Sousa Filho*

Resumo: Nomes próprios em xerente demonstram como está organizada a base do sistema de referenciação xerente. Para entender o sistema de referenciação, é necessário, então, saber como esses nomes estão distribuídos nessa sociedade indígena. Neste texto, com o objetivo de analisar e descrever alguns aspectos da referenciação xerente, propomos algumas explicações para a distribuição dos nomes próprios entre os clãs xerentes.

Palavras-chave: Akwê-Xerente; classes nominais; interfaces entre lingüística e antropologia.

INTRODUÇÃO

■ **A** sociedade indígena xerente ou Akwê-Xerente (Jê), estimada em 3.100 pessoas, vive em 43 aldeias no município de Tocantinia – TO. Segundo Rodrigues (1986), a língua xerente pertence ao tronco Macro-Jê e à família Jê.

Estamos empreendendo esforços para fazer uma descrição e análise dos aspectos morfossintáticos da língua Akwê. Nossa análise está sendo orientada pelos postulados da gramática funcional (GF), a qual tem como um dos seus axiomas a idéia de que a mensagem se configura ao mesmo tempo como mensagem e evento de interação (HALLIDAY, 1973). Com isso, o olhar atento ao contexto em que a mensagem se realiza é condição primeira para nosso estudo.

* Doutorando em Estudos Lingüísticos na Universidade Federal de Goiás. Este artigo faz parte do trabalho de doutorado, inserido no Projeto Línguas Indígenas Ameaçadas: Documentação (descrição e análise) e Tipologias Sociolingüísticas, coordenado pela Dra. Sílvia Lucia Bigonjal Braggio. E-mail: sinvalfilho@uol.com.br.

Nesse sentido, procuraremos demonstrar, neste texto, como o sistema de classificação xerente se realiza a partir dos nomes pessoais.

Em xerente, nomes próprios, isto é, nomes usados para referir-se às pessoas, ou para identificar lugares ou personagens culturalmente significantes são, na maioria, nomes comuns, simples ou compostos, mas distinguem-se desses por não se submeterem à maioria dos processos morfológicos e sintáticos, como flexão de número, relativização ou clivagem, incorporação etc. Entretanto, há uma lógica semântica que rege os nomes pessoais xerentes. Mostramos resumidamente a lógica que dá base à distribuição dos nomes dos indivíduos da sociedade akwê.

OS NOMES PESSOAIS EM AKWÊ-XERENTE

No que diz respeito aos nomes pessoais xerentes, ao situá-los na lingüística antropológica, o que temos a apresentar ainda são hipóteses preliminares, as quais são passíveis de comprovação.

De acordo com os estudos sobre os xerentes (NIMUENDAJÚ, 1942; MAY-BURY-LEWIS, 1965 e 1984; FARIAS, 1990), a prática simbólica mais significativa dessa sociedade é a de nomeação ou ritual de nominação dos indivíduos. Nesse ritual, a sociedade xerente reativa todas as atividades que sustentam a cosmovisão secular que mantém a identidade desse povo. Para Farias (1990, p. 74), o que permite ao ritual esse *up-grade* na sociedade é o sistema dual de metades exogâmicas, uma vez que é “a partir da filiação às metades exogâmicas e, conseqüentemente, aos seus respectivos clãs patrilineares [que] os Xerente constroem a base da sua sociedade”. A partir dessa constatação, temos procurado compreender como esse sistema dual opera na base lingüística. Tratamos, então, das questões relacionadas aos nomes próprios, procurando alcançar um pouco do mecanismo social – o mundo dual – operante na sociedade Akwê-Xerente (Jê).

Para Gonçalves (1993), o nome em grande parte das sociedades estudadas tem servido de fio condutor para evocar um discurso sobre o cosmos, e que, notadamente, os nomes pessoais parecem ser uma chave para articular-se um sentido, uma amarração possível das idéias sociais e cosmológicas.

A primeira questão que nos colocamos sobre os nomes pessoais em xerente versava sobre a aparente sinonímia entre esses e alguns nomes de animais. Assim, ao encontrarmos o nome **sibaka** para “garça” pretendíamos encontrar explicações para o nome próprio **sibaka-di** “garça-PART (NMZ) = Nome próprio xerente”. Por que uma pessoa tem um nome correlato ao de um animal? Como o sistema de nomeação opera em xerente para materializar essa correlação? O que ela de fato evoca?

Uma primeira explicação recaiu sobre como os próprios xerentes vêem essa situação. Para alguns falantes, essa correlação pode ser explicada por um processo de contigüidade ou afinidade: “o **-di**¹ quer dizer que a pessoa tá cheia do animal que lhe dá nome”², ou seja, o sufixo indica mudança na categoria do no-

1 Segundo Ribeiro (1996), há em karajá (Macro-Jê) uma situação parecida. De acordo com suas conclusões, os karajás usam o sufixo *-du* aos nomes pessoais para indicar quem é o sujeito do verbo. A esse fenômeno Ribeiro chama de “Nomes de sujeito”. Parece-nos que essa explicação não se aplica ao xerente. Entretanto, procuraremos nos deter nesse aspecto em estudos futuros.

2 Depoimento de alguns xerentes.

me, de nome comum – ou nome de espécie (BRITO, 2003) – a nome próprio. Contudo, as duas categorias mantêm entre si uma relação de referência partilhada, uma vez que o radical dos nomes é o mesmo. Assim, pareceu-nos que a explicação seria, sem dúvida, essa mesma.

Contamos, todavia, com outros aspectos. Os nomes femininos são marcados pelos sufixos participiais **-di**, **-ti** ou **-ki**, dependendo do clã a que pertencem. Para os nomes masculinos, as marcas de “contigüidade” com o animal ou filiação clânica são os sufixos: **-ø**, **-kwa** e **-mêkwa**.

Segundo Maybury-Lewis (1984, p. 373), há entre os xerentes “uma consciência muito clara a respeito da antítese entre os termos de uma oposição que reiteradamente envolve Ego e os seus (Nós), de um lado, contra os demais (Eles, Vocês), de outro”. Ainda, todo o esquema de antíteses xerentes se relaciona às suas metades exogâmicas. O nome é uma das formas, se não a forma – no caso do xerente, de filiar o indivíduo ao clã. De acordo com Nimuendajú (1942), os clãs xerentes detêm o seu próprio conjunto de nomes pessoais e a nomeação é usada como recurso para estabelecer ou alterar filiação clânica.

A pergunta que nos surge é como se opera essa filiação a partir do nome e de que forma ela se mantém como articuladora da cosmovisão xerente? A hipótese que temos é de que a relação homem/natureza é o ponto forte de articulação desse modo de referenciação. Para chegarmos à hipótese de que a relação homem/natureza é o ponto forte de articulação do modo de referenciação xerente, percorremos o caminho seguinte.

O nome **akwê** pode ser traduzido para o português como “o que está acima de todas as coisas”, “o mais notável”, “o que é humano, gente”. Ao **akwê** está reservada a tarefa de organizar o mundo, incluindo o gramatical sistêmico que tem a base conceptual operada metonimicamente por cada clã. E ele opera essa organização dualisticamente a partir de dois grandes sistemas sociais que se opõem medianamente para dar conta de oferecer equilíbrio ao cosmos. O mundo é construído sob a Lua e o Sol (sdakrã ou wahire > Lua; e sptatø ou ðøi > Sol) pelo que tem autorização dessas entidades (ou divindades) para ser o senhor do mundo, o **akwê**. As metades **wahire** e **ðøi** se subdividem em clãs abarcando toda a complexidade do mundo natural.

Para os xerentes, se quisermos saber qual o papel do indivíduo no mundo temos que encontrar o seu **ikrda**, ou seja, aquele que tem acesso à permissão do Sol ou da Lua para o indivíduo ser alguém que tem algo a fazer no mundo, uma pessoa que terá uma classe para reger, a qual é indicada pelo seu nome seguido de **-ø**, **-ti**, **-di**, **-ki**, **-kwa** e **-mêkwa**; temos que encontrar seu motivo “fundante”, o qual é conhecido pelo **ikrda** “3-raiz = a raiz, o antigo”. Certamente um deverbais que indica aquele que conhece/coloca/recomenda os seus ancestrais, suas raízes (ĩsnã-krda “3-aspecto incoativo- anterior, antigo, velho, raiz = a raiz ou o que inicia a raiz, o clã). Segundo Nimuendajú (1942, p. 20), “um clã é designado por **i)-snãkrda** ou wa-n-nãkrda que denota ‘seu/meu-nosso clã’. Literalmente, o termo significa ‘origem’: wudê-n-nãkrda, ‘tronco-da-árvore’”.

Com isso, encontramos nas raízes dos nomes emblemáticos de cada clã a função que esse conjunto tem a exercer no cotidiano da vida xerente. A regra primeira de raiz é o pertencimento à Lua ou ao Sol. Para Farias (1990, p. 139), “os nomes devem obedecer ao caráter ditado pela matriz dual”. De acordo com Maybury-Lewis (1984, p. 354),

os mitos Xerente relativos a Waptokwa, o sol humanizado, e Wahire, a lua antropomórfica, constituem elementos centrais de sua visão de mundo. Essas figuras não só são vistas como fundadores e, em certo sentido, como os patronos das metades exogâmicas mas também todas as histórias demonstram suas características antitéticas e complementares.

O NOME PRÓPRIO COMO ORGANIZADOR DAS RELAÇÕES SOCIAIS

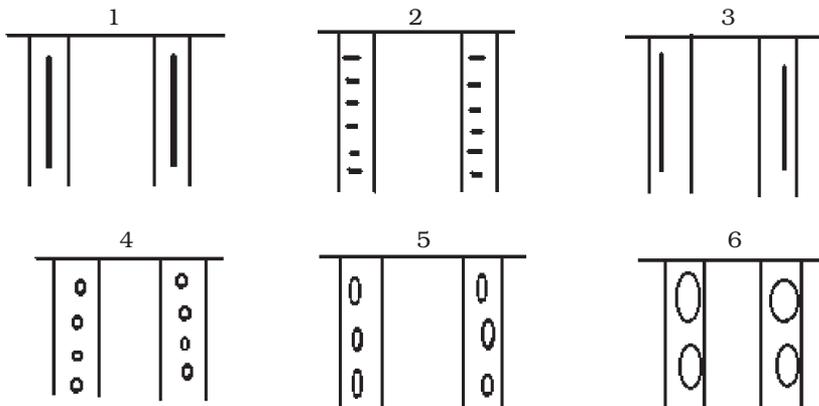
Mais uma vez, frisamos que a noção de dualismo revela “o modo pelo qual as sociedades duais, como Xavante e Xerente, pensam. Essas sociedades concebem a maior parte de suas atividades cruciais – rituais ou técnicas – em termos da dicotomia entre nós e eles” (MAYBURY-LEWIS, 1984, p. 6). Assim, os xerentes reconhecem seus companheiros de clã como, de alguma forma, “a minha gente”, o “meu pessoal”, em oposição às pessoas que não pertencem ao mesmo clã e que são “os outros”: “Todo o esquema de antítese Xerente relaciona-se às suas metades exogâmicas” (MAYBURY-LEWIS, 1984, p. 366).

A tripartição das metades em clãs oferecida por Nimuendajú e revista por Farias é a que adaptamos em (1):

(1) sdakrã ou wahire (Lua)	>>> ĩsurie ou wahire >>> ĩsaure ou ĩsakẽ/krɔzakẽ >>> krãĩprehi ou krẽprehi
sptatɔ ou dɔhi/dɔi (Sol)	>>> kuze ou kuzi >>> kbazi >>> prase ou kritɔ

Esses clãs são identificados pela escrita tradicional xerente que se realiza por meio de grafismos, como observa Braggio (2000). A escrita mediante grafismo dá-se em xerente sobretudo nos corpos de cada ser. De acordo com Lopes da Silva e Farias (2000, p. 98), “há dois motivos básicos na pintura clânica dos Acuen-Xerente: o traço (*wahirê*) e o círculo (*dóí*)”. Assim, representam-se os clãs nos corpos de cada indivíduo xerente, como ilustram os exemplos em (2):

(2) **A Lua** (wahire (1), krɔzakẽ (2) e krẽprehi (3))
e o Sol (kuzi (4), kbazi (5) e kritɔ (6)).



Cada um desses clãs ou partidos que compõem as metades exogâmicas tem, no rol dos nomes dos indivíduos filiados, um nome que figura como o primeiro, o demarcador de fronteiras, como observa Farias (1990, p. 141). São assim distribuídos os nomes de fronteiras dos clãs:

- (3) nomes de fronteiras dos clãs xerentes:
- | | |
|-----------------------|----------------------|
| Nome de fronteira clã | |
| pnīkudi | wahire |
| wawēkrure | īsake/krōzake |
| rōmteprē | krāiprehi |
| sēremtowē | kuzi |
| kumnāsē | kbazi |
| prase | krito |

Sabe-se que os estudos sobre nomes próprios ou pessoais seguem duas grandes tendências. A primeira postula que os nomes próprios são providos de referência e desprovidos de sentido. A segunda afirma que os nomes próprios são portadores de sentido. Contudo, adotamos a referenciação (DUBOIS; MONDANA, 2003) para abordar os nomes xerentes. Nessa vertente, os nomes pessoais são tão providos de referência quanto de sentido. Assim, compreendemos que os nomes xerentes identificam o indivíduo e fazem referências às atividades que ele deve desempenhar na sociedade como um todo. Adiante, encontram-se as referências e sentidos que os nomes pessoais enunciam, particularmente, tendo os nomes de fronteira como emblemas das variadas enunciações.

Ao primeiro nome **pnīkudi-mēkwa** “aquele que esconde (protege) os mais novos ou se esconde entre os pequenos; faz o inimigo errar/perder o alvo; o perdedor de alvos”, vinculam-se os animais pequenos que se escondem no meio do mato e as árvores pequenas, como exemplificados em (4):

- (4) **ponē** “veado-mateiro”, **ponkēkmōpore** “carneiro, ovelha”, **ponkēre** “bode, cabra, veado-catingueiro” e **ponīshu/ponīsuku** “canela-de-ema (arbusto)”, **pnīnānhu** “pinhé, gavião-carrapateiro”, **ku** “lobo guará”.

O segundo nome, **wawēkrure** “grande/comprido e ágil/escorregadio/liso”, traz consigo os animais que são compridos, ágeis e escorregadios, e estes apresentam em seu corpo algo saliente, como chifre ou saliência /**ku**/ ou ferrão /**kru**/, como ilustram os exemplos em (5):

- (5) **kru** “rato”, **krubi** “rato grande do mato”, **krukrare** “camundongo”, **kruīkrabi** “marimbondão grande”, **kruktabi** “preá”, **kti** “anta”, **ktaitire** “espécie de gavião”, **ku** “lobo guará”, **kuihi** “porco”, **kupi** “peixe elétrico”, **kuti** “sapo”, **kuihi/kwihi** “jacaré”.

Ao terceiro nome, **rōmteprē** “aquele que olha bem o novo, o que possui novo e aguçado olhar para as coisas”, relacionam-se os nomes exemplificados em (6):

- (6) **rō** “coisa”, **rōko** “fazer fogo, acender”, **rōkwakrutu** “atrapalhar”, **rōmādiki** “olhar em coisa, zelar por coisa”, **rōmhi** “coisa de fora, longe”, **rōmhiimbaikō** “coisa distante sem matéria, fantasma, ser

sem corpo; **rɔmhuri** “pegar coisa, mexer, malinar”, **rɔmkure** “coisa lisa, coisa escorregadia” **rɔmkwa** “coisa que espeta como o dente, espinho”, **rɔmnĩsize** “o nome das coisas, nome, substantivo”.

O nome **sɛremtowē-mēkwa** “aquele que cuida dos animais que voam” traz consigo os nomes exemplificados como (7):

- (7) **se** “pássaro martim-pescador”, **sepsde** “pica-pau do campo”, **shõnĩ** “curiango”, **si** “pássaro pequeno”, **sibaka** “garça”, **sihikuwa** “frango d’água azul”, **sika** “galinha”, **sikwataka** “araponga”.

kumnansē “o que pensa certo, o que clareia as ações” distribui os nomes nas ações humanas (cognitivo-afetivas e físicas) e animais ligados (próximos) aos homens, como demonstram os exemplos em (8):

- (8) **kumdi** “capivara”, **kumdiiti** “paquinha (inseto)”, **kumnĩre** “aleluia (inseto)”, **kumnãsi** “modo de pensar”, **kumnãste** “ação impensada (não-planejada)”, **kumte** “tomar banho”, **bdi** “sol”, **bdiidire** “trilho (trieiro), estradinha”, **bdiidi** “caminho”.

“Aquele que veio dos vales, das montanhas, que tem outras visões” **prase** é o nome que oferece uma lista de coisas trazidas para os índios, como as que estão em (9):

- (9) **kri** “casa”, **krito** “bola”, **kriresu** “palha de coco piaçaba”, **pra** “pé/rastro”, **prahi** “cipó-imbé”, **praba** “modo de dançar”, **bru** “roça”, **brudu** “pau-brasil”.

O quadro apresentado nos permite levantar algumas hipóteses:

1) Vinculados à metade da Lua temos:

- a) Junto aos **wahire** todas as classes de animais e árvores que estão à vista, estão nas proximidades da visão, mas que podem ser camufladas, ser escondidas ou abandonadas.
- b) O clã **isake** ou **krɔzake** traz consigo objetos (animais e coisas) que estão longe, fora do alcance do homem, são vistos no horizonte distante.
- c) Os **krãiprehi** são responsáveis pelo que não se mostra aparentemente, mas pode ser pensado, pode ser criado, ensinado, construído de acordo com a ordem das coisas naturais do mundo.

2) Vinculados ao Sol temos:

- a) No clã **kuzi**, aves não-comestíveis, animais pequenos que voam e que precisam da proteção do homem. Ao que tudo indica, tais animais servem para anunciar as mudanças climáticas, para trazer boas novas aos índios e para protegê-los de perigos possíveis.
- b) Os **kbazi** são os responsáveis pela ação de pensar para o grupo, de articular, de equilibrar a liderança, de mediar razões que desencadeiam ações.
- c) Os **krito** acoplam coisas dos **kuzi** e dos **kbazi** e crescem o que é novo, o que veio de fora. Coisas que não estão muito distantes, mas que não foram pensadas pelos xerentes, o campo das possibilidades, do que é novo.

Se pudermos de fato considerar todos os pressupostos desenvolvidos, podemos sintetizar a organização dual dos xerentes por dois caminhos. Primeiro, há dois grandes campos de visão **akwē** sobre o mundo que se organiza a partir da oposição (ou divisão) mediada pelos partidos. São os clãs que dão conta da visão do que é grande e do que é pequeno, isto é, são os clãs os responsáveis por todas as tarefas que o indivíduo deve realizar, sejam elas fáceis ou difíceis. São eles que enxergam o todo circular, vertical ou horizontalmente. Assim, os clãs cuidam das visões que a Lua e o Sol, com suas luzes, possibilitam-lhes nos cursos das noites e dos dias. Os clãs **wahire** e **krito** são responsáveis pela visão de tudo que é grande, pela grande visão, do que se mostra aparentemente, quer seja das entidades existentes no momento, quer seja das que existem em potencial; os clãs **krɔzake** e **kuzi** cuidam das coisas pequenas, ou da visão pequena, detalhada, também dualizadas em dois campos que aqui supomos ser concreto/real x potencial e/ou geral x específico; e entrecortando os dois campos dessa antítese teríamos as visões mediadoras dos clãs **krēprehi** e **kbazi**.

Segundo, já para a proposição de um inventário mais analítico, teríamos seis grandes classes de organização da referenciação xerente, as quais se enquadram nas metades. Para a LUA ficariam as classes i) dos que podem ser vistos na vertical: na terra (em sua parte superficial e na profunda) e na água (superficial e profundamente), coisas da terra e da água; ii) o que está no horizonte, longe mas visível e perceptível: coisas do ar; e iii) das ações que visam ao amadurecimento de idéias para o equilíbrio entre homens e entre estes e a natureza³, os sentimentos; para o SOL ficariam as classes iv) dos animais pequenos que voam, transitam entre o ar e a terra; v) das idéias ou atividades mentais (afetivo-cognitivas): o fazer humano; e vi) das mudanças provocadas por atividades físicas e cognitivo-afetivas: o conhecimento.

Há, como vimos, toda uma lógica de distribuição do indivíduo em relação à natureza, inclusive no que se refere à natureza humana. É essa lógica que podemos descrever e comprovar quando se inventariar toda a classificação dos nomes em seus respectivos clãs.

REFERÊNCIAS

- BRAGGIO, Silvia L. B. A instauração da escrita entre os Xerente: conflitos e resistências. *Revista do Museu Antropológico*, Goiânia, v. 3/4, n. 1, p. 2-28, jan. 2000.
- BRITO, A. N. de. *Nomes próprios: semântica e ontologia*. Brasília: Editora da UnB, 2003.
- DUBOIS, Daniele; MONDANA, Lorenza. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CIULLA, A. et al. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FARIAS, Agenor J. T. P. *Fluxos sociais Xerente – organização social e dinâmica entre as aldeias*. 1990. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

³ Essa terceira classe seria a classe regida pelo clã **krāiprehi** ~ **krēprehi**. Esse pressuposto pode ser levantado, inclusive, observando-se a forma de composição do nome do clã. O exemplo abaixo ilustra como o nome **krāiprehi** é formado:

a) **krā** 'cabeça' i '?' **pre** 'amadurecer' **hi** 'osso, esqueleto' lit. 'Gente de cabeça amadurecida (boa).'

GONÇALVES, Marco A. *O significado do nome – Cosmologia e nomeação entre os Pirahã*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

HALLIDAY, M. As bases funcionais da linguagem. In: DASCAL, M. (Org.) *Fundamentos metodológicos da Lingüística*. São Paulo: Global Universitária, 1973.

LOPES DA SILVA, A.; FARIAS, A. T. P. Pintura corporal e sociedade: os “partidos” Xerente. In: VIDAL, Lux. (Org.) *Grafismos indígenas – estudos de Antropologia Estética*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel; Fapesp; USP, 2000.

MAYBURY-LEWIS, David. Some crucial distinctions in Central Brazilian anthropology. *Anthropos*, v. 60, p. 340-358, jun. 1965.

_____. *A sociedade Xavante*. Trad. Aracy Lopes da Silva. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

NIMUENDAJÚ, Curt. *The Xerente*. Los Angeles: L. A. Press, 1942.

RIBEIRO, Eduardo Rivail. *Morfologia do verbo Karajá*. 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiânia, Goiânia, 1996.

RODRIGUES, Aryon D. *Línguas brasileiras – Para o conhecimento das línguas Indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

SOUSA FILHO, S. M. de. Proper nouns and the referencing of the Xerente. *Todas as Letras* (São Paulo), volume 8, n.1, p. 118-125, 2006.

Abstract: The main goal of this paper is to briefly present some aspects of the noun classification systems of Akwẽ-Xerente (Jê), an indigenous language spoken in Central Brazil. We suggest that the semantic basis of Xerente noun classes is dependent on a knowledge of traditional myths and cultural beliefs, specifically the moieties system.

Keywords: Akwẽ-Xerente (Jê); noun classes; linguistics and anthropology interfaces.